

ANTÓNIO DOS SANTOS RAMALHO EANES



Nascido às 21:00 de 25Jan1935 em Alcains, aldeia concelhia de Castelo Branco, filho de Maria do Rosário Ramalho e de Manuel dos Santos Eanes (canteiro de mármore).

- em Out1942 inicia em Castelo Branco os estudos liceais.
- em Out1953 ingressa no curso de Infantaria da Escola do Exército.
- em 1957 colocado como aspirante na EPI-Mafra.
- em 1958 promovido a alferes, tendo sido mobilizado para servir Portugal no Estado da Índia Portuguesa, embarca em Lisboa rumo ao porto de Mormugão, onde cumpre a 1ª comissão ultramarina «em Pangim com os oficiais Pires, Belfo, Pinheiro da Silva e Pinto Simões (que participa no 25A no Largo do Carmo)»¹.
- em 08Ago1960 promovido a tenente, termina a comissão na Índia Portuguesa e embarca de regresso à Metrópole.
- em 25Ago1960 colocado na EPI-Mafra como instrutor do COM.
- em 30Jan1961 transferido para a GNR em comissão de serviço.
- em 20-25Fev1961 frequenta na EPI o curso sobre métodos de instrução.
- em 01Dez1961 promovido a capitão.
- em 08Jan-03Fev1962 frequenta no CIOE-Lamego o estágio de guerra subversiva.
- em 17Jul1962 embarca em Lisboa no NTT 'Niassa' rumo a Macau como comandante da CCE366, a fim de reforçar o CTIM com tropas treinadas para fazer face a ameaças veladas de subversão por parte da China, Indonésia e União Indiana, respectivamente sobre os territórios de Macau, Timor e Índia Portuguesa.
- desde Set1962 sediado em Coloane sob comando do coronel Bessa, «*fez ver ao alferes miliciano Arnaldo Matos que a educação não se pode fazer à bofetada, porque os soldados são filhos do povo*»¹: «*o pioneiro das "comissões de soldados" na gestão dos quartéis* [questão estratégica que em Out1943 o PCP havia preconizado e desde meados de 1944 a fomentou], *foi Ramalho Eanes quando, ainda capitão, as promoveu na Guarnição Militar de Macau com a ajuda do Arnaldo Matos.*»²
- em 31Mai1963 cessa a prevenção militar em Macau.
- em Nov1963, com a guarnição em excesso de dotação e face a sucessivos problemas disciplinares, três subunidades são transferidas para o norte de Moçambique.
- em 27Dez1963 desembarca em Nacala e segue para Nacarua (limite norte distrital de Nampula), onde fica adstrita ao BCac260 (até Fev1964) e ao BCac608 (até final da comissão).
- em 19Nov1964 regressa à Metrópole e fica colocado na EPI.
- em 23Abr1966, tendo sido mobilizado pelo RI2-Abrantes para servir Portugal pela 2ª vez na Província Ultramarina de Moçambique, embarca em Lisboa no NTT 'Vera Cruz' como oficial de InfOp do BCac1889.
- em 09Mai1966 desembarca em Nacala e quatro dias depois fica aquartelado em Valadim.
- em 18Ago1966 a sua unidade sofre a 1ª baixa no noroeste do território, com a morte em combate de um soldado;
- em 04Nov1966 morrem em combate na área de Valadim, 1 furriel e 5 soldados da CCac1552.
- em 01Dez1966 morre em acidente no sul do mesmo sector, 1 furriel da CCac1554.
- em 11Dez1966 morre em combate na zona de Nova Viseu, 1 primeiro-cabo mecânico-auto da CCac1554.
- em 17Jan1967 morre em combate na zona de Valadim, 1 soldado do batalhão.
- em 14Fev1967 morre em combate na zona de Valadim, 1 alferes do batalhão.
- em 13Mar1967 morre por doença em Muembe, 1 soldado da CCac1553.
- em 31Mar1967, durante uma emboscada IN na área de Muembe, morrem em combate junto a um afluente do rio Lugenda, 1 furriel e 1 soldado da CCac1553.
- em Out1967 o batalhão termina a acção operacional recuando para Vila Pery.
- em 17Nov67 louvado pelo CCFAM «*porque não se limitou, nas suas funções de Oficial de Operações, ao planeamento das mesmas, pois tomou parte em todas as operações que se afiguravam mais difíceis e de maior perigo, nas quais revelou heroísmo, valentia, muita coragem e arrojo em frente do In, quando, debaixo de fogo, conseguiu com a sua presença e a sua acção, arrastar atrás de si elementos que executaram o assalto a uma base In atacada*».
- em 23Abr1968 agraciado com a *Cruz de Guerra de 2ª classe*, em consequência do citado louvor.
- em 02Jul1968 inicia a torna-viagem à Metrópole.

- em 02Ago1968 colocado no CMEFED-Mafra.
- em 05Ago1968 transferido para a Academia Militar como instrutor de ginástica.
- em 07Out-03Nov1968 no curso de formação de capelães militares, desempenha funções de educação militar.

Em 18Set-04Out69 frequenta no IAEM-Pedrouços o estágio de acção psicológica.

- em 22Out1969 desembarca em Bissau como *«supranumerário no CTIG por ter sido nomeado, por designação, para fazer parte das tropas de reforço à guarnição normal do referido comando, sem unidade mobilizadora»*.

Passa a desempenhar no QG, a chefia da subsecção de informações psicológicas da RepACAP/CCFAG.

- em 21Abr1970 colocado de urgência em Teixeira Pinto como chefe da 2ªRep/CAOP.
- em Out1970 casa com Maria Manuela Duarte Neto Portugal (nascida a 29Dez1938 em Almada, recém-licenciada em Direito pela Universidade de Lisboa); César António, seu cunhado, é tenente 'pilav' na BA9.
- em 01Mar1971 graduado no posto de major e transferido para Bissau, onde assume a chefia dos SRI/RepACAP instalados numa vivenda a meio da avenida Arnaldo Schulz.
- em 10Jun1971 agraciado pelo CCFAG com a *Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma*.
- em 12Nov1971 regressa à Metrópole.
- em 01Dez1971 novamente colocado na AM, como professor de educação física no CPC.
- em 03Mar1973 promovido a major (OE.8/2ª/1973), com antiguidade a 01Dez1970.
- no final de Abr1973 com outros oficiais da AM e do IAEM, colabora em acções de contestação ao anunciado Congresso dos Combatentes.
- em 26Set1973 surge 1º subscritor do documento de contestação aos decretos 353/409, oriundo de Luanda.
- em 28Jan1974, entretanto mobilizado pelo RI2-Abrantes para servir Portugal na Província Ultramarina de Angola, embarca no AB1-Portela em voo-TAM Boeing-707 rumo à BA9-Luanda, como 2º comandante do BCac4214/73.
- em Jun1974 regressa definitivamente à Metrópole, nomeado pelo presidente da JSN general Spínola para presidir à comissão 'ad-hoc' para a imprensa, rádio e televisão.
- em 23Set1974 colocado no EME como supranumerário da AM *«para preenchimento de vaga no quadro»*.
- em Nov1974 nomeado presidente do CA/RTP.
- em 01Dez1974 promovido a tenente-coronel.

«A JSN teve de se debruar com um problema difícil: a comunicação social. Os ministros que se sucederam na pasta fizeram tentativas para resolver o problema, em especial no respeitante à RTP. O general Spínola propôs um oficial que servira com ele na Guiné: o major António Ramalho Eanes, um dos muitos oficiais que estavam a prestar serviço em Angola quando ocorreu o 25 de Abril. O facto de o general Spínola ter proposto aquele oficial, não garante absolutamente nada, a não ser a espantosa capacidade do general para se equivocar. O curriculum do major Eanes foi então apresentado à JSN, à Comissão Coordenadora e à Assembleia-Geral do MFA. Em todas essas instâncias foi aceite, apenas havia um senão: não participara no 25 de Abril. Eu próprio levantei a objecção e foi Otelo quem avaliou o major Eanes. A incompatibilidade de se nomear um oficial que não tinha participado objectivamente na revolta militar, desapareceu em face do aval de Otelo... Chamou o major Eanes, como também havia catapultado o major Fabião entregando-lhe funções de extrema gravidade, como as de governador da Guiné! Chamou-o a Lisboa com urgência e o major Eanes começou imediatamente a elaborar o regulamento da Televisão. [...] É chamado pelo general Spínola para fazer parte da primeira comissão 'ad hoc' encarregada de "auxiliar" a Imprensa, Rádio e Televisão a enfrentarem os problemas de censura do regime deposto. Sabe-se no que resultou esse "auxílio": suspensão de vários jornais de oposição ao processo revolucionário, e prisão dos principais responsáveis por essa imprensa que procurava opor-se ao avanço comunista. A Comissão 'ad-hoc' era um poder paralelo, que apoiava objectivamente a política do primeiro-ministro Vasco Gonçalves. Logo a seguir ao '28 de Setembro', Ramalho Eanes abandona esta Comissão 'ad hoc' [da Imprensa, Rádio e Televisão], para ser nomeado director de programas da RTP, lugar que não podia deixar de ser da confiança dos comunistas. [...] Surgiu mais uma cisão nos órgãos superiores da RTP - e o general Spínola propôs formalmente o major Eanes para director da RTP. O assunto não foi fácil de resolver, porque já havia um compromisso da Comissão Coordenadora com outro oficial, que era da Marinha. Então foi Vasco Gonçalves quem fez a defesa cerrada da nomeação de Ramalho Eanes. Confirmada a nomeação [para presidir ao conselho de administração da RTP], Ramalho Eanes tomou posse em Novembro, já depois da renúncia de Spínola... e apesar dessa renúncia. Decerto por [dois meses antes] ter sido avaliado por Otelo e defendido por Vasco Gonçalves. A espectacular ascensão política do major Eanes é por demais misteriosa para que possam ser escamoteados os mais infimos pormenores da sua carreira. O apoio que recebeu do general Spínola é irrelevante: o general Spínola tem uma catastrófica tendência para escolher mal os homens da sua roda. O ser apoiado por Costa Gomes, por Otelo Saraiva de Carvalho, por Melo Antunes e por Vasco Gonçalves, tem muito mais importância. Do '28 de Setembro' ao '11 de Março', toda a acção da RTP foi conduzida em função dos interesses do Partido Comunista. É impossível desligar Ramalho Eanes do facto incontroverso. [...] No '11 de Março', Ramalho Eanes é o director da Televisão. Quando a aviação atacou o Ralis já a equipa da Televisão lá estava à espera para filmar, bem como filmou tudo o mais que sucedeu ali na manhã de 11 de Março, incluindo o cerco ao quartel. Não era possível naquela altura fazerem-se quaisquer filmagens de actualidades sem a autorização do director da TV. Esse director era Eanes. No dia 11 de Março de 1975 o director da RTP procede fora dos seus hábitos. Oficial cumpridor como sempre foi, o major Eanes estava sempre na televisão às 9 horas da manhã, quase se podendo dizer que era ele quem todos os dias abria a porta. Nesse dia, porém chegou com três horas de atraso, cerca do meio-dia e, uma hora depois, a TV começa a transmitir um filme de arquivo: um sacerdote falando sobre um tema dedicado às crianças... Muitos elementos comprometidos no golpe spinolista esperavam a emissão da RTP para saber o que se passaria em Lisboa: se o golpe estivesse em marcha, sairiam para a rua; de contrário ficariam quietos. Ora a televisão começa a transmitir às 13 horas um programa para crianças. A conclusão óbvia foi que em Lisboa nada se passava! Este procedimento foi manifestamente destinado a esvaziar e desmobilizar o movimento spinolista fora de Lisboa, e evitar que as populações do centro e norte do País se entusiasmassem com a notícia da tentativa spinolista e viessem para a rua manifestar-se, dar-lhe o apoio social necessário para justificação de acções militares. A realidade é que a grande maioria dos spinolistas não se pronunciaram, não aderiram. Porque o ânimo lhes esfriou na hora H? Ou porque a televisão não mostrou que o Ralis estava a ser atacado em força? Perante este facto concreto - a equipa de filmagens da RTP "previamente" colocada no local onde ia acontecer um ataque de "surpresa" - somos levados a uma conclusão: o director da RTP está "dentro" do que iria passar-se. Como soube ele que se iria dar o acontecimento do Ralis? Estava com os spinolistas, ou estava com os gonçalvistas? Eanes tomou conhecimento do bombardeamento do Ralis por Neto Portugal, que imprevidentemente lho revelou? Ou soube-o por intermédio de quem encenara todo o espectáculo e armadilha o golpe spinolista? Resta saber se estava dentro do golpe spinolista, ou se estava dentro da armadilha e contragolpe comunista. Com dos grupos tinha de estar, senão não poderia saber quando se realizaria o ataque. O facto de ter sido o seu cunhado César Neto Portugal quem bombardeou o Ralis, pode

justificar muitas das hesitações que ensombraram a sua actuação. É lógico supôr que, então, se apoiou em Vasco Gonçalves. [...] O silêncio da Televisão foi criticado no MFA porque interessava mostrar que o contragolpe da esquerda estava a vencer, e interessava dar às forças civis progressistas a esperança de que a "reação não passará". A comissão de inquérito acusa o director da RTP, tendo o Conselho de Revolução considerado válidas as razões apresentadas e o major Ramalho Eanes foi demitido da direcção da RTP por proposta da comissão. [...] O Partido Comunista pretendia alcançar dois grandes objectivos. O '11 de Março' não teve como objectivo imediato a conquista do poder económico. O objectivo imediato foi a descolonização de Angola e de Moçambique, somente possível ser alcançado desde que se tivessem apropriado em Lisboa do poder político, que começou a ser preparado desde a nomeação de Vasco Gonçalves para primeiro-ministro, e depois começou a ter execução com a ascensão do general Costa Gomes à presidência. Destrancada deste então, a porta da descolonização ficou escancarada com o '11 de Março', corolário lógico da falta de previsão e maturidade política da ala moderada do MFA. Foi uma operação brilhantemente preparada pelo PC, com o auxílio dos agrupamentos da extrema-esquerda. O seu objectivo principal era propiciar a descolonização através da conquista do poder político. As forças extremistas encarregaram-se da conquista do poder económico, precipitando-a desordenadamente, tanto nos gabinetes como na rua, nos campos e nas empresas. [...] A sua actuação na TV valeu-lhe que a maioria dos funcionários da empresa dominada pelo PC, protestassem vigorosamente contra o inquérito que lhe foi aberto, arquivado por ordem de Otelo e Vasco Gonçalves. Não há dúvida que foi um homem de confiança de Vasco Gonçalves e que, sendo da confiança deste, manteve-se sempre na roda de Carlos Fabião [CEME] e de Costa Gomes [PR e CEMGFA], e ao serviço político de ambos.»²

- «Os trabalhadores da RTP manifestam o seu maior apreço pela integridade e rectidão de conduta que sempre testemunharam na pessoa do major Ramalho Eanes. Exigem que o inquérito por ele pedido, seja efectuado e divulgado com a máxima urgência.»³
- em 14Mar1975 por determinação do PM Vasco Gonçalves, é substituído na presidência do CA/RTP pelo major José Emílio da Silva (ex-MFA/Angola).
- em 23Jul1975 eleito membro efectivo da Comissão Técnica da Arma de Infantaria.
- em 07Ago1975, após divulgação do Documento dos Nove, declara publicamente aderir ao espírito daquele manifesto e seguidamente integra o grupo de oficiais que planeia uma acção militar destinada à contenção da extrema-esquerda militar.
- em 25Nov1975 nomeado para chefiar no RCmds-Amadora, o posto-de-comando de forças leais ao PR e ao VI^oGP: «Costa Gomes nunca indicaria para chefe das operações militares um militar que, no '11 de Março', como director da Televisão, tivesse feito o jogo spinolista. O Partido Comunista e o general Costa Gomes lembravam-se muito bem do "caso da televisão" e sabiam melhor do que ninguém que era o oficial exacto no local exacto. Era importante "travar" Jaime Neves, como foi importante silenciar a Televisão. Objectivamente, porque os objectivos eram os mesmos: eliminar os jagunços, manter o PC e o esquema marxista. Ramalho Eanes para a Amadora, para o próprio local onde existia a força real, numa posição hierárquica superior à do comandante do Regimento.»⁴
- na madrugada de 28Nov1975 toma posse como CEME, sendo para o efeito graduado em general e nomeado para o CR por inerência.
- em 21Fev1976 declara em Bruxelas que se torna «imperativo o regresso de Portugal à Europa».
- na semana de 11-18Abr1976 surge a público uma grande movimentação de oficiais ligados ao CR, a apoiar a «candidatura à PR do general Eanes».
- em 14Mai1976 anuncia que se candidata, com apoios expressos do PS e do PPD.
- em 27Jun1976 eleito PR por 61.54% dos votantes, derrotando as candidaturas de Otelo SC (com 16.52% da FUP e extrema-esquerda), de Pinheiro de Azevedo (com 14.4% sem apoios partidários), e de Octávio Pato (com 7.6% do PCP e satélites).
- «No dia seguinte à eleição do general Ramalho Eanes para a PR, o [comandante da RML] brigadeiro Vasco Lourenço, durante a conferência de imprensa [declarou] que "o general Eanes era tão bom camarada e tão amigo de Otelo Saraiva de Carvalho, que até permitiu que este retirasse do COPCON os documentos que pudessem comprometé-lo". Essa declaração equivalia a dizer que o general Ramalho Eanes era conivente no crime de sonogação, daquilo que poderia vir a constituir provas importantes. O próprio general Eanes teria mandado arquivar o relatório sobre as sevícias praticadas pelo COPCON e pela PM sobre os presos, em flagrante desrespeito pelos compromissos assumidos para com o povo português.»⁴
- em 06Jul1976 promovido a general de quatro estrelas e confirmado como 14^o Presidente da República Portuguesa.
- em 14Jul1976 nomeado pelo CR como CEMGFA e investido nas funções de PR em sessão solene da AR; (o cargo de CEME passa a ser desempenhado pelo recém-graduado general Vasco Joaquim Rocha Vieira, subscritor adicional do Documento dos Nove e que no 25/11 havia desempenhado as funções de CEM do posto-de-comando junto da presidência da República).
- «"Cumprirei fielmente a Constituição como projecto nacional definido pelos legítimos representantes do povo. [...] Trata-se de fazer um socialismo à medida do homem português. [...] Sinto ser o momento dos trabalhadores assumirem as suas responsabilidades na gestão das empresas. [...] Os direitos fundamentais dos trabalhadores, tão penosamente conquistados e agora consagrados na Constituição, serão por mim intransigentemente defendidos. [...] Hoje estão 'criadas condições' que me comprometo solenemente a assegurar e desenvolver, abrindo o caminho para uma sociedade socialista". Este texto não é do dr. Álvaro Cunhal - o que seria natural - mas do presidente da República, Ramalho Eanes. Além de Álvaro Cunhal e da Intersindical, a quem mais interessa defender as "conquistas de Abril", entendendo-se por estas as consequências da descolonização, a Constituição marxista, a estatização da economia e a colectivização da sociedade portuguesa? Parece-nos que também a Ramalho Eanes. [...] As sombras que carregam o semblante do general Ramalho Eanes, são as sombras que carregam a sua estranhíssima ascensão na escala política portuguesa: estava em Angola quando eclodiu o '25 de Abril'; nunca mais voltou a uma unidade; nem por um momento renegou os princípios políticos despertos nele em Macau pelo comunista Arnaldo Matos; durante e depois do gonçalvismo, quaisquer que fossem as razões subjacentes, toda a sua acção se caracterizou pelo apoio real aos objectivos do PC. Directamente, Eanes nunca criticou o PC. Quando o Partido Comunista, em consequência do clima de tensão, parece ir ser obrigado a recuar no que lhe é essencial - logo aparece o presidente da República impondo as normas que mais interessam aos comunistas. Não está em causa provar "documentalmente" que Ramalho Eanes seja comunista, o que seria pretensão pouco realista: só sabemos que é comunista quem se confessa comunista. [...] Para ser comunista não é necessário, obviamente, ser militante do PCP. Para facilitar a estratégia comunista é importante parecer que se não é - nem militante nem comunista.»⁵
- «O presidente da República eleito, afirma que serão feitos os julgamentos do '11 de Março' e do '25 de Novembro'. O recém-nomeado primeiro-ministro, diz que se deve "passar uma esponja" sobre tais acontecimentos.»⁶

- «Não poderá passar sem comentários a espantosa afirmação feita pelo dr. Mário Soares ao telejornal, de que “as direcções das Universidades terão de ser da confiança do Governo”. O ensino, a cultura, o espírito, submissos ao Governo? Que um salazarista ou um caetanista defenda esta tese, compreende-se. Mas um antifascista, um democrata, um socialista? Assim vamos mal, dr. Mário Soares! Então não lhe chegam os governadores civis? Também quer as Universidades? Por este andar, qualquer dia estamos outra vez no partido único! [...] Desde que o primeiro-ministro [Mário Soares] em discurso público, sugeriu [em 08Set1976] que se passasse uma esponja sobre o ‘28 de Setembro’, o ‘11 de Março’ e o ‘25 de Novembro’, que uma surda inquietação se instalou nos espíritos de milhares de portugueses. À medida que o tempo vai passando, sem que apareçam os prometidos relatórios, essa inquietação tem vindo a aumentar e, com ela, uma certa descrença nas promessas não só do Governo mas, o que é mais grave, nas do próprio presidente da República.»¹
- «Pouca gente conhece o prof. Magalhães Vilhena, como também pouca gente ouviu falar de Mir Gomes. Eles são, no entanto, personalidades importantíssimas no aparelho do PC e, na sombra, através da autoridade que lhes concede Ponomarev, têm tanta ou mais influência na estratégia comunista em Portugal como o secretário-geral visível do PC. São, aliás, das pessoas de maior categoria intelectual que o Partido Comunista tem, fazendo sombra política ao próprio Álvaro Cunhal, podendo ser consideradas como uma linha de recuo técnico dos comunistas. Magalhães Vilhena é muito considerado cientificamente. (Dizem que o presidente da República [Eanes] o escuta muito em matéria de política externa, e tenho fortes razões para supôr que o prof. Magalhães Vilhena é um dos conselheiros secretos do general Ramalho Eanes.)»⁸
- em 09Dez1977 demite o I Governo Constitucional chefiado pelo secretário-geral do PS Mário Soares.
- em 20Jan1978 dá posse ao II^oGC chefiado pelo mesmo Mário Alberto Nobre Lopes Soares.
- em 11Mai1978 autoriza o regresso a Portugal do ex-PR almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz.
- em 21Mai1978 inicia viagem oficial ao Brasil, seguida de visita à Venezuela (27Mai), de participação na cimeira da NATO (31Mai) e de conversações com o presidente dos EUA, com um discurso em Nova Iorque (01Jun) perante a AG/ONU.
- em 26/27Jun1978 desloca-se com o MNE a Bissau, onde assina com o presidente angolano Agostinho Neto um “Acordo Geral de Cooperação entre Portugal e Angola”.
- em 27Jul1978 demite o II^oGC de Mário Soares «por deixar de existir a sua base política»; no dia seguinte indigita para formar governo a eng^a Maria de Lurdes Pintasilgo.
- em 01Jan1979 na mensagem de Ano Novo afirma, que «a defesa das conquistas de Abril, sendo limite obrigatório da acção política e das exigências de qualquer grupo social, constitui responsabilidade solidária de todos os partidos e forças políticas».
- em 04Set1980 anuncia a recandidatura à PR.
- em 02Dez1980 o PM Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro declara que «o apoio do PCP a Ramalho Eanes é o facto político mais grave, depois dos acontecimentos de 1975 e do gonçalvismo».
- em 04Dez1980 o PM, o MDN e acompanhantes morrem num desastre aéreo (jamais esclarecido).
- em 07Dez1980 reeleito por 56% dos votantes.
- em 22Dez1980 empossa o novo presidente do PSD Francisco José Pereira Pinto de Balsemão, proprietário do Semanário Expresso, para o cargo de PM do VII^oGC; no mesmo dia os Reis de Espanha desembarcam no Aeroporto de Lisboa, em visita particular.
- em 04Mai1985 promulga o 1^o diploma sobre o Direito à Objecção de Consciência, relativamente à prestação de serviço militar.

«Ao longo de dois mandatos, a sua base de apoio partidária desapareceu e em finais de 1984 admitia já poder vir a formar um partido político depois do mandato. Ele surge no mês seguinte.»

- em 06Out1985 o nóvel Partido Renovador Democrático (secretamente liderado por Eanes), nas eleições legislativas antecipadas recolhe apenas 13-18% de votantes.
- em 16Fev1986 cessa a PR mas por inerência mantêm-se membro do Conselho de Estado.
- em Mar1986 passa à situação militar de reserva.

Após abandonar o Palácio de Belém, assume a presidência do PRD.

«Só em Out1986 a presidência do PRD passa a ser assegurada por Ramalho Eanes».

Em 1987 «a ideia de que não estaria talhado para a complexidade da actividade partidária, colocam-no à mercê do 1^o governo de Cavaco Silva, sendo esse momento o principio do fim: bastaram dois anos para a votação descer para 4.9%, o PRD revelou-se um partido-cometa; depois desapareceu do espectro partidário quase sem deixar rasto. Nos tempos livres, o homem, que promulgou a Constituição no seu 1^o texto definitivo pós-25 de Abril, dedica-se à jardinagem e à apicultura; é casado e tem dois filhos. Em 1998 volta à ribalta política para defender o “Sim à Regionalização”: o “não” dos Portugueses ganha e o general sai derrotado», desaparecendo da cena política.

¹ (Manuel de Portugal, semanário *O Tempo* 13Fev1976);

² (Pinheiro de Azevedo, in “25 de Novembro sem Máscara”, pp.92,135/6,43-51,139-141,34-37);

³ (comunicado CT/RTP);

⁴ (Dinah Alhandra, semanário *O Tempo* 30Set1976);

⁵ (Pinheiro de Azevedo, op cit., pp.155-157,138/9,161);

⁶ (Manuel Amaro Bernardo, semanário *O País* 27Ago1976);

⁷ (Dinah Alhandra, op.cit.);

⁸ (Pinheiro de Azevedo, op cit., pp.38-40)